O Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXII Volume | Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4 | 10 de Maio de 1909 | Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27 | N.º 1093

Os Terramotos do Ribatejo

Sua Magestade El-Rei D. Manuel II visitando as ruinas de Benavente

(Cliché Benoliel)

Chronica Occidental

Disseram os jornaes, um dia d'estes, que em Benavente já não havia necessidade de que para lá se mandassem mais viveres, porque os havia de sobejo para muito tempo.

Por essa mesma occasião, diziam tambem os jornaes que algumas das victimas do desastre causado no Ribatejo pelos tremores de terra, tendo-lhe escapado com vida e com saude, se mostravam agora em muito boas tenções de não voltar tão cedo para o trabalho, visto não lhes faltar que comer e beber por amor de Deus.

A respeito da generosidade da alma portuguêsa tem-se dito já o bastante para que seja preciso dizer mais. Sabe-se que essa generosidade não conhece limites, e vae até onde lhe peçam que vá. Tudo está em saber pedir-lh'o.

Ora, o saber pedir é tambem um dos outros predicados da nossa alma nacional. Cada um pede para si o mais que póde, e raro o faz por modo que não chegue a alcançar aquillo que quer. Mas em se tratando de pedir para os outros, n'isso então vae além de tudo quanto se possa imaginar como impertinencia, desplante e seringação.

Desde aquelle que estende a mão á caridade das ruas ou anda de porta em porta a mendigar um vintem, até áquelle que sollicita dos altos poderes do Estado o habito de S. Thiago ou a commenda de Christo, em Portugal pede se tudo. Dir-me-hão que em toda a parte do mundo acontece outro tanto. Talvez. Mas eu não tenho nada que ver com o que se passa nas outras partes do mundo, e acho sempre de mau tino querer desculpar com os dislates dos outros os proprios dislates.

No caso a que allude esta chronica, trata-se do pedir para as victimas dos tremores de terra. O primeiro a pedir foi o Chefe do Estado, e não ha quem lhe desaprove o gesto. Depois pediram os bombeiros, e o producto dos seus bandos precatorios foi excellente. Depois pediu o sr. Patriarcha aos seus parochos; depois pediram os jornaes

aos seus leitores; e os chefes de repartição pediram aos seus amanuenses, os patrões pediram aos seus creados, os mestre-escolas pediram aos seus discipulos.

A seguir ás subscripções vieram os espectaculos de caridade, promovidos por emprezas exploradoras de theatros e praças de toiros, por associações, por agrupamentos os mais diversos, sociedades scientificas e tunas, doutas academias e filarmonicas.

Feitas as contas, se fôsse possivel fazê-las, vêr-se-ia isto: a maior parte, mas uma maior parte que bem poderia representar-se por dois terços da totalidade dos subscriptores, seria de individuos que haviam sido constrangidos a fazer caridade — não por lhes faltar a vontade de a fazer, mas por lhes escassearem os meios de poderem espontaneamente praticá-la.

Que ha de fazer o vassalo a quem pede El-Rei? Fazer o que El Rei pede.

Que ha de fazer o cura a quem pede o Patriarcha? Fazer o que o Patriarcha pede.

Que ha de fazer o amanuense a quem pede o chefe de repartição? Fazer o que pede o chefe.

D'um caso tem conhecimento a chronica que dá bem a medida de quanto sacrificio representa muitas vezes para os subscritores d'estas importunas subscripções a obrigação de dar. Em certa dependencia de um dos ministerios, foi apresentada a todos os empregados de mandado do director geral, uma subscrição a favor das vitimas do Ribatejo. Mandava o diretor; e, pelo habito, embora se tratasse de assunto que nada tinha a ver com o serviço, o dever era cumprir as ordens. Cada qual subscreveu então com aquillo que poude: os primeiros oficiaes com dois mil réis; os segundos com dez tostões; os amanuenses com meia corôa. Mas houve um d'elles, um segundo oficial, que, depois de subscrever, ficou apreensivo, e não descançou emquanto não foi ter com o director geral...

Annunciou-o o continuo a Sua Ex.ª, mas Sua Ex.ª nesse momento não estava para massadas, e mandou-o voltar no dia seguinte.

No dia seguinte voltou o segundo oficial para falar com Sua Ex.ª, mas ainda d'essa vez Sua Ex.ª não podia ouvi-lo. Que fosse no outro dia.

No outro dia lá estava elle. E só então d'essa vez, é que lhe fôra possivel ser recebido.

— Que temos? perguntou o Director Geral.

— Eu venho pedir desculpa a V. Ex.ª...

— Desculpa de quê?

— De ter sido tão pouco...

— Tão pouco, o quê?

— Os dez tostões...

— Mas quaes dez tostões, senhor?

— Os meus dez tostões para as vitimas...

— Quaes vitimas?

— Do Ribatejo!

— Ah! já sei. E depois?

— E' que eu, pela muita consideração em que tomo sempre as ordens de Vossa Excellencia, entendo que deveria ter contribuido pelo menos com quinze tostões, porém Vossa Excellencia sabe muito bem...

Mas, nesta altura, o Director Geral pregou um murro no tampo da secretária e deu-lhe um berro que parecia d'um boi, e o pobre segundo oficial ainda agora pergunta a si mesmo como foi que poude escapulir-se do gabinete do director sem ter apanhado tambem, pêlo menos, com um tinteiro cheio de tinta p'la cabeça!

Metta cada qual a mão na sua consciencia e diga-nos se a quantia com que subscreveu para as vitimas do desastre do Ribatejo lhe saiu das algibeiras por um simples, natural movimento de generosidade. Na generosidade d'aquelles que se acobertam com o anonimato, e que engrossam os produtos das *quetes* sem que se saiba quem elles são, nessa acreditamos nós, e bemdizêmol a. Essa sim! Ninguem os constrangeu a mostrarem se generosos. Foram-no por o serem, não porque os forçassem a sê-o.

A hipocrisia, posta assim ao serviço da caridade póde dar optimos resultados de ordem economica no momento em que se sollicita a intervenção d'ella para casos como este. Mas nunca ella, em nenhuma outra circumstancia, de repelente que é, se mostra mais repelente.

Resta saber ainda se a caridade, invocada e estimulada por estes meios quasi violentos, se não torna tambem em muitos casos um elemento de desordem moral. O facto, mencionado nos jornaes, de haver homens válidos que escaparam do desastre sem a mais leve contusão, e que se recusam agora a trabalhar porque entendem que a caridade deve tomá-los á sua conta, parece ser um dos que justificam tal receio.

JOÃO PRUDENCIO.

OS TERRAMOTOS DO RIBATEJO

Uma visita á região asso'ada pelo terramoto do dia 23 de abril, fez-nos conhecer bem toda a estensão do grande cataclismo, que tendo o seu ponto seismico proximo da região que abrange Benavente, Samora e Santarem, irradiou em curva até perder-se no Oceano, abalando as terras visinhas que encontrou nessa curva, onde assentam as povoações denominadas Alverca, Alhandra, Vila Franca de Xira, Castanheira, Carregado, Asambuja, Alemquer, Cartaxo, Santarem, Santo Estevão, e sentiu se ainda o tremor mais ou menos violentamente numa larga estensão do país de norte a sul, desde a cidade do Porto até Lisboa, abrangendo parte do Alemtejo e Algarve, tendo ligeira repercussão em terras de Espanha.

Esse grande tremor de terra, que pelos efeitos produzio terramoto, tem sido seguido de outros, mais curtos e por isso menos violentos, mas infelizmente repetidos quasi diariamente, causando mais alguns estragos, não devendo surprender estas repetições que sempre se dão depois de um abalo grande.

Onde, porém, se produziram mais estragos materiaes e perdas de vidas, foi nas tres primeiras povoações nomeadas: Benavente, Samora e Salvaterra, que ficaram arrasadas, pois mui poucos edificios resistiram de pé e estes ameaçando immediata derrocada.

O facto destas maiores derrocadas não quer dizer que Benavente, Samora e Salvaterra, incidam precisamente sobre a fenda interior da crôsta terraquea, como se póde verificar se seguirmos a curva seismica, que noutro artigo deste numero se demonstra, mas que, sendo as povoações mais proximas daquelle ponto, e as suas construções na grande maioria só de paredes de adobe de terra e sem esqueleto de madeira, facilmente derruiram.

Esta circumstancia deve chamar a atenção para o sistema das novas edificações, que devem ser quanto possivel leves de paredes e sempre armadas sobre esqueleto de madeira, não sangrada, ferro ou aço, tudo bem preso de gazepe, preferindo o cimento armado á alvenaria, e construidas sobre cabouços fundos e largos cheios de saibro, de forma a não ficarem ligadas ao solo. Deste modo as edificações mantem-se erectas pelo seu proprio peso e perfeitamente resistentes a qualquer abalo da terra, embora tremam, é claro, mas não derruem, desde que estejam construidas com toda a solidês, solidês não inferior á das construções navaes.

E' este, em nosso entender, o sistema de construções que convem estudar, sem demora, e uma vez reconhecido pratico, como se nos afigura, ser oficialmente adotado.

Fechado este parentesis que o caso nos sugeriu, prosigamos na descrição da catastrofe, que apavorou todo o país e sensibilisou o coração dos portuguêses, onde mais acendeu a sua caridade e solidariedade humana, tanto maior para com seus proprios irmãos, filhos do mesmo torrão, creados sob o mesmo céu.

Principiando pelo chefe da nação, que poucas horas depois do tremor de terra, correu ao logar onde havia noticia de elle ter produzido maiores desgraças, seu exemplo foi bastante para que não tardassem os primeiros socorros oficiaes.

Ao mesmo tempo que El-Rei D. Manuel partia acompanhava-o o Sr. Infante D. Affonso, o sr. ministro das obras publicas, conselheiro D. Luis de Castro, engenheiros, medicos, enfermeiros, policia, bombeiros, forças militares, todos empenhados em acudir ás desgraçadas vitimas.

No dia immediato, logo que se reconheceu a grandesa da catastrofe, o governo apresentou ás côrtes um projeto de lei pedindo autorisação para aplicar cem contos de réis a socorrer as povoações que tinham sofrido maiores damnos.

Por todo o país écoou um grito de dôr e todos á profia correm com o seu obolo á medida dos seus haveres, até os que mal teem para si, e assim se abrem por toda a parte subscripções, sendo El-Rei o primeiro que inaugura a grande subscrição nacional inscrevendo-se com cinco contos de réis. Esta deverá ser a mais importante porque a ella convergem, não só os donativos das pessoas mais abastadas, mas ainda o produto de subscripções de varias coletividades e do Brasil, que começa a manifestar o nunca desmentido amor patrio de nossos irmãos em todos os lances aflitos da patria portuguêsa.

A Sociedade da Cruz Vermelha, no cumprimento da sua altruista missão, tem enviado socorros de toda a especie e é já avultada a soma dos donativos reunidos com o concurso de seus socios. O *Diario de Noticias*, logo no dia immediato ao da catastrofe, tomou a iniciativa de uma subscrição, que já está avultada. Bandos precatorios dos bombeiros de Lisboa, e outros por quasi todas as terras do país, tambem tem reunido importantes donativos, e preparam-se espetaculos em beneficio para o mesmo fim.

Os donativos recolhidos tanto tem sido em dinheiro como em generos alimenticios, roupas, camas, moveis e materiaes para edificações, pois de tudo ha carencia, sabendo-se que 30:000 pessoas ficaram sem abrigo.

Esta falta é a principal a acudir agora, pois quanto a alimentos e roupas tudo está remediado, mercê da caridade pressurosa deste bom povo. A construção, porém, de barracas não póde ser tão pronta quanto para desejar, mas é de crêr que dentro em poucos dias todos tenham melhor ou peior onde se abriguem.

Entretanto entuda-se já a melhor maneira de reedificar as povoações arrasadas e para este fim é que convergem os donativos, á parte um emprestimo que a camara de Benavente vae contraír para dar impulso ás reedificações.

Neste sentido tomou uma louvavel iniciativa a direção do Club Finianos Portuenses, para edificar em Benavente um bairro denominado *Cidade do Porto*, tendo aberto uma subscrição.

Infelizmente o que não é possivel é dar vida aos que ali pereceram vitimas da catastrofe, em numero de 37, contando-se mais de 100 feridos, alguns dos quaes já faleceram não obstante terem recolhido ao hospital de Lisboa.

Benavente, levantar-se-ha das ruinas, por ventura, mais bella do que era, e isso será a maior consolação para o povo daquella antiga vila ribatejana, cuja origem se perde para além da era cristan, sendo a *Aritum Prætorium* como consta do *Itinirario* de Antonino Pio. D. Affonso Henriques a conquistou depois da tomada de Santarem, mas só foi reedificada em 1200 por D. Payo, bispo de Evora. O seu ultimo foral é de D. Manuel I. Pertenceu ao mestrado de Aviz. Teve um palacio e tapadas reaes de que não conserva vestigios. Filipe II creou o condado de Benavente — hoje extinto — de que foi primeiro titular Rodrigo Affonso Pimentel, um dos ascendentes do grande romancista Camilo Castelo Branco. A situação de Benavente é lindissima, cortada pelo pitoresco Sorraia que fertilisa seus campos. A egreja paroquial, que era soberbo monumento, mandado construir por D. Sancho e concluido por D. Pedro II, ficou agora destruida pelo terremoto. O edificio dos paços do concelho, de construção moderna, era dos melhores da vila, acomodando todas as repartições de fazenda, administração e tribunal. Foi tambem derrubado pelo terramoto.

Samora Correia, belamente situada em vasta planicie á margem esquerda do Tejo, é fertilissima em todas as especies agricolas, creando muitos gados, inclusive touros. O seu foral é do reinado de D. Manuel I. Foi dos duques de Aveiro, que ali tinham seu palacio e capella com muitas propriedades rusticas como por Setubal, Palmella e Azeitão, e que tudo lhes foi sequestrado em 1759 por sentensa que os condemnou á morte, no celebre processo do atentado contra a vida de El-Rei D. José I. Samora tem sido muitas vezes prejudicada pelas cheias do Tejo, e principalmente a de 1876 que lhe causou maior damno. E' o grande centro agricola da Companhia das Lesirias.

Salvaterra de Magos, vila fundada por El-Rei D. Diniz, assenta tambem na margem esquerda do Tejo, em vasta planicie, entre aquelle rio e o Sorraia. E' egualmente de grande produção agricola e creação de gados. Possuia grandes solares que o tempo e a ausencia de seus senhores deixou cahir em ruinas. O mesmo se póde dizer do palacio real e tapadas, de fundação do infante D. Luis, duque de Beja, filho de El-Rei D. Manuel I, e em que houve grandes caçadas reaes. Os primeiros donatarios foram os condes da Atalaya que a cederam ao dito infante D. Luis, em troca da vila da Asseiceira. Em Salvaterra se deu a misteriosa morte do primeiro marquês de Loulé. As cheias do Tejo tem por varias vezes invadido Salvaterra devastando seus campos. Salvaterra foi muito afamada pelas corridas de touros, e no tempo de El-Rei D. José I ali se realisaram touradas reaes a que assistia o monarca e toda a côrte. A ultima dessas touradas ficou memorada pela morte, na praça, do conde dos Arcos, filho do celebre marquês de Marialva.

Sobre este triste acontecimento escreveu Rebello da Silva um conto, que é uma das mais formosas paginas da literatura portuguêsa, e que inserimos n'este numero, como um dos factos historicos mais importantes que se ligam a Salvaterra de Magos.

CIENCIA MODERNA

Os seismas em Lisboa

Em 23 de abril, Lisboa foi vitima de um dos maiores seismicos, senão o maiór que a geração moderna tem presenceado.

São raros estre nós, felizmente, os grandes abalos que produsem o desmoronamento completo de uma cidade em um espaço de tempo insignificante.

Os seismicos podem classificar-se em tres grupos principaes a saber: *microseismos*, ou abalos despercebidos ao homem e apenas registados pelos sismografos; *macroseismos*, os quaes se observam em uma grande area deslocando os objetos, podendo fender as paredes ou o solo, produsir queda dos estuques dos predios, queda de chaminés, etc., grupo a que pertence o abalo que acabámos de presencear, e finalmente os *megaseismos*, ou mais vulgarmente, terramotos, como foi o de Lisboa em 1 de novembro de 1755.

A intensidade de um seismo é inversamente proporcional á rigidez do terreno e naturalmente são estes mais intensos onde as condições de resistencia forem menores. Por esse motivo o Porto, cujo solo é escencialmente granitico, é mais susceptivel de resistir a um seismo do que o solo de Lisboa, onde existe o calcareo em abundancia.

A parte mais instavel do nosso reino é a que abrange a area do triangulo cujos vertices se acham em Ovar até perto de Abrantes, passa por Setubal e termina no Algarve.

E' em geral essa região aquella que mais soffre com os abalos de terra, o que se póde observar na figura onde a representamos, e se vêm as *curvas isoseistas* dos principaes seismicos que tem havido em Lisboa.

Chamam-se *curvas isoseistas*, as curvas que unem as partes que soffreram a mesma intensidade seismica, as quaes são em geral circulares, mas podendo tambem ser elipticas ou parabolicas.

Os seismos propagam-se como os sons, a luz, o calor em ondas, partindo de um ponto do interior da terra *(centro)* e manifestando se á superficie da terra em outro ponto *(epicentre)*.

Se deitarmos uma pedra dentro de agua vemos formar, desde o ponto em que ella cahiu á agua até uma grande distancia, ondas circulares, sucessivamente mais pequenas, mas todas ellas obedecendo ao mesmo centro. A curva que fica mais proxima do ponto onde cahiu a pedra, é naturalmente a mais sensivel e onde o deslocamento da agua foi maior, diminuindo de intensidade á maneira que nos affastamos desse ponto. E' egualmente o que notamos nos seismicos, e por esse motivo facilmente poderemos traçar as cartas seismicas de um dado abalo de terra por meio das curvas *isoseistas*.

Pelo traçado das *isoseistas* se reconhece que os maiores abalos que temos sentido em Lisboa, têm o seu fóco seismico no Atlantico. Tambem em Lisboa podem ser sensiveis os seismos exportados da Andaluzia, mas em geral chegam sempre á capital do nosso reino com uma intensidade muito redusida e nunca condusem a efeitos desastrosos.

A' excepção do *megaseismo* de 1755, cuja curva isoseista partindo do N. de Lisboa e passando pelo centro do Alemtejo, veiu terminar perto de Faro, todos os outros seismos de que nos occupamos teem uma curva quasi semelhante, o que se observa facilmente na figura junta, aproximando-se muito, o do dia 23 de abril deste anno, da curva do seismo de 21 de novembro de 1890, abrangendo porém uma area um poucò maior.

Este abalo que Lisboa acaba de experimentar teve por origem, tambem, o Atlantico, sendo a zona mais afétáda a região do Ribatejo.

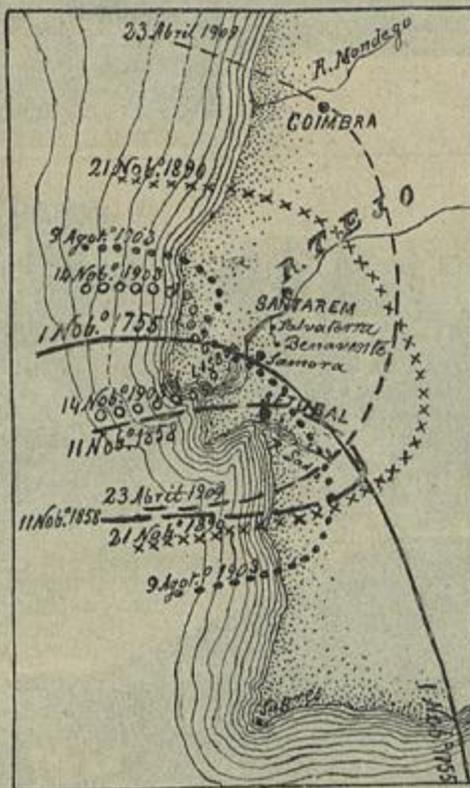
Quanto á capital, as condições seismicas, se não apresentam os mesmos caracteres da região da Italia, que em 28 de dezembro de 1908 foi teatro de uma das maiores catastrofes do seculo presente, é, no entanto, favoravel á produção desses seismos.

E' Lisboa atravessada por varios valles entre os quaes citaremos, como principaes, o que vae de S. Sebastião da Pedreira ao Terreiro do Paço e o que vae da rua da Palma a Arroyos que se liga ao primeiro, formando a parte baixa da cidade. Ha ainda: o valle da rua de S. Bento, o da calçada do Combro, o da rua dos Martyres, rua do Alecrim, rua da Bica, separando as collinas das Chagas e Santa Catarina.

A zona mais afétáda de todas as que citámos é sempre a que se estende do Terreiro do Paço ao Rocio, formada pela reunião dos dois valles de S. Sebastião da Pedreira ao Terreiro do Paço e rua da Palma a Arroyos.

* * *

O seismo produzido em Lisboa não tem comtudo ligação alguma com a catastrophe de Missina, pois a estructura do solo, dos dois pontos é bem diversa.

O solo da Italia está mais sujeito a convulsões vulcanicas do que o nosso, o que não quer dizer que não se possam produzir seismos destruidores na nossa capital como já sucedeu em 1755. E', porém, pouco provavel que esse facto se produza amiudadamente, pois os nossos terrenos são de formação anterior aos terrenos de que são constituidas as regiões italianas, principalmente a Calabria e a Sicilia.

TRAJETORIAS DOS PRINCIPAES TREMORES DE TERRA EM PORTUGAL

Explicação das figuras

Signal ✕ ✕ *Isoseista* do abalo de terra de 21-11-1890.
» . . . » » » » » » 9-8-1903.
» – – – » » » » » » 23-4-1909.
» ——— » » » » » » 1-11-1755.
» o o o » » » » » » 14-9-1903.
» — — » » » » » » 11-11-1858.

Pouco podemos avançar sobre a probabilidade do facto se repetir em espaço mais ou menos longo, pois a ciencia seismica está ainda quasi que em embrião, para que possamos estabelecer leis certas, obedecendo a um principio conhecido e invariavel.

Tenhamos sempre em vista que vivemos sobre um solo vulcanico, mas, repetiremos ainda, que, embora esse solo seja propicio á produção dos seismos, estes nem se repetem com a frequencia notada no solo italiano, nem tão pouco a probabilidade de uma catastrofe como a de Missina é facil de se dar. São necessarias condições especiaes, como as que então se deram, e que por assim dizer são anormaes se as compararmos com as dos principaes seismos observados em Lisboa desde essa data até hoje. (Vidè a figura.)

O caso poder se-ha repetir, sem duvida, mas as probabilidades a nosso favor são mais abundantes do que as probabilidades contra.

ANTONIO A. O. MACHADO.

ORIGENS

«Origo, originis — a origem, o principio, a causa.»

O problema das origens é o mais seductor de quantos possam propôr-se á intellectualidade humana, e a propria palavra que o exprime, quer no singular, quer no plural, quer em lingua culta, quer em simples dialecto, encerra todo o sonho da sciencia, toda a aspiração do espirito!

A este sonho, deveras deslumbrante, a esta aspiração, deveras legitima e fecundantissima deveram e devem os povos a ingencia inconfundivel dos seculos, deveram e devem as gerações os titulos immortaes da gloria!

Não nos basta a impressão do presente nem nos contenta o ligeiro inventario do passado, queremos mais, carecemos de muito mais; ainda quando lêssemos no amago de cada phenomeno á plena luz da visão axiomatica, ainda assim ficaria insatisfeito o anhelo de saber e incompleto o conhecimento adquirido.

A hora inicial, o momento psychologico dentro da precisão mathematica! isto, e só isto.

«Este desejo de conhecer a origem das cousas, affirmou com acêrto o engenheiro Justino M. d'Oliveira *(Discussão sobre os principios fundamentaes da Mechanica)*, tem mostrado que as funcções mentaes do homem não estão limitadas sómente ás percepções dos cinco sentimos, e que a intelligencia humana póde, até certo ponto, penetrar o segredo do universo.»

O theologo Augusto Joaquim Alves dos Santos *(O problema da origem da familia e do matrimonio)* asseverou com egual acêrto:

«O problema fundamental duma sciencia é sempre o da origem do objecto ou objectos que lhe são proprios e a distingem das outras sciencias. Para a *Cosmologia* o primeiro problema e o mais importante é o da origem do universo; para a *Geologia*, é o da origem do planeta que habitamos; para a *Biologia*, é o da origem da vida; para a *Zoologia*, é o da origem das especies organicas; para a *Anthropologia*, é o da origem do homem.»

Perguntarei agora, servindo me do adverbio latino: CUR?

Porque o homem é um ser intelligente, a intelligencia a faculdade de conhecer, conhecer possuir a verdade e esta é a certesa no perfeito desenvolvimento de caractéres.

E ha certesa de alguma coisa?

Registou se jamais um credo infallivel, uma doutrina inabalavel, uma escola sem erros, um systema completo?

E' evidente que pretendemos definir e assentar bases, mas não é tambem menos evidente que em tudo reside a fraqueza ingenita e é infinita a distancia que separa o espectador do espectaculo na ampla esphera da natureza, retorta do mysterio e theatro do insondavel!

Parece nos distinguir entre a vida e a não vida, e, comtudo, alguem já definiu a vida!?

«O organismo extremamente simples d'onde derivaram, por uma série ininterrupta de gerações, os individuos actualmente existentes dos reinos animal e vegetal, sustenta J. d'Ascensão Guimarães na separata *Genese das Plantas*, deverá ter habitado os mares.

Todas as especies conhecidas conservam, peló menos n'uma phase da sua existencia, os vestigios do meio em que vegetou a fórma original. Na phase da reproducção, em que os gametos se deslocam n'um meio liquido ou gelatinoso, deve reconhecer se um resto do meio em que viveram as fórmas ancestraeas.

Aquellas especies onde se não conhece a reproducção, isto é, que apenas se multiplicam, e cujo numero, no progredir da sciencia, todos os dias se vae reduzindo, ou vivem sempre n'um liquido onde se movem, ou, durante a phase da germinação dos kistos ou esporos na mucilagem proveniente da gelificação de membranas ou de tecidos, encontram satisfação ás tendencias hereditarias.

Percorrendo as séries animal e vegetal, do simples ao composto, reconhece-se sempre, em todos os organismos, n'um determinado momento da sua existencia, o signal, o verdadeiro estigma da necessidade atavica da vida n'um meio liquido.

A vida manifesta-se no movimento, e, entre o numero de caracteres communs a todos os séres vivos, salienta-se este em que os gametos ou os esporos se movem n'uma geleia para se fundir ou para germinar.

A vida proveio do seio das aguas.»

Nas linhas da transcripção precedente, exuberantes na prova de estudo consciencioso, deslinda-se, inconcússo, um artigo de fé relativo á origens?

«He buscado la verdad, — escreveu Arturo Soria y Mata no prologo de *Origen Poliédrico de*

Os Terramotos do Ribatejo

UM ACAMPAMENTO DA POPULAÇÃO, EM BENAVENTE.

IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PAZ, DE BENAVENTE, SALVA DA CAPELA ARRUINADA E TRAZIDA PELO POVO PARA A PRAÇA ANSELMO XAVIER, ONDE LHE PRESTA ADORAÇÃO.

SUA ALTEZA INFANTE D. AFFONSO VISITANDO AS RUINAS DA EGREJA DE BENAVENTE, ACOMPANHADO DO SR. MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS, ETC.

SOLDADOS DE ENGENHARIA PESQUISANDO CADAVERES NOS ESCOMBROS.

SUA ALTEZA INFANTE D. AFFONSO, SRS. CONSELHEIRO D. LUIZ DE CASTRO, MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS, E DR. NUNO PORTO, FAZENDO OS PRIMEIROS TELEGRAMMAS PARA LISBOA — UMA FAMILIA ACAMPADA EM BENAVENTE, COSINHANDO NA SUA BARRACA

(Clichés Benoliel)

Os Terramotos do Ribatejo

bargam e nos perturbam? Não produziu elle, posteriormente, todo um livro intitulado — *Os Enigmas do Universo?*

Ha enigmas, com effeito, pois que, mesmo nos factos quotidianos muitas vezes nos foge a verdadeira causa explicativa e apaga-se n'uma simulação o pretexto estimulante.

O que, todavia, não tem consistencia admissivel é o appêllo para o acaso.

«O acaso, declarou o José Maria Couceiro da Costa Coelho e Mello n'uma brilhante *Communicação*, por occasião de ser celebrado o primeiro centenario do Real Collegio Militar, não é lei da natureza; desde os cataclysmos que destroem mundos, até os ultimos phenomenos imperceptiveis, todo o *effeito* é fatalmente a sequencia de uma *causa* determinante.

E' lei a «fatalidade», ou, como modernamente se chama, o «determinismo», isto é, a necessaria e infallivel ligação das causas aos effeitos: o «acaso» é apenas a *collisão* de effeitos, procedentes de causas sem connexão immediata e necessaria.»

Quaes são, porém, as origens? onde se opéra a decantação do nada para as fezes da existencia? onde se esbatem os primordios elementares da immensidade?

Nada! o que vale um zero, isolado?

Operações negativas, demonstrações por absurdo constituem com

las especies, e é em summa, a quanto póde avançar a probidade litteraria do sabio no maximo arranco da sua mente insaciavel!

Fóra d'ahi, antes que uma theoria chegue a attingir os fóros de verdade positiva são numerosissimos os naufragios e profundas as decepções terriveis.

Abriu Haeckel a sua memoria *(État actuel de nos connaissances sur l'origine de l'homme)* apresentada ao 4.º congresso internacional de Zoologia, em Cambridge, na sessão de 26 d'agosto de 1898, por estas palavras formaes:

«C'est avec un juste orgueil, qu' à la fin du XIXe siècle nous contemplons les progrès incomparables que la civilisation et les sciences – surtout l'histoire naturelle — ont réalisés au cours de cette période. Cette situation trouve son expression dans ce fait que, dès maintenant, beaucoup d'écrits donnent à notre siècle l'épithète de «grand» ou de «période des sciences naturelles.»

E, entretanto, logrou o insigne allemão, desde então até hoje, eliminar dos quadros humanos os tremendos pontos de interrogação que nos em-

El-Rei escrevendo um telegrama, na Azambuja — Acampamento das populações em Salvaterra e Samora
Ruinas da casa do sr. Ignacio Rebello de Andrade, em Salvaterra — Ruinas em Samora

(Clichés Benoliel)

frequencia a definitiva contraprova irrefutavel de authenticidade; mas invocar a propria negação, o proprio absurdo, com proposito de obter mais luz equivale a cahir no vacuo, e este será tomado a sério em sentido absoluto?

«Dae-me um ponto de apoio, e eu levantarei o mundo.» — dizia o famoso geometra de Syracusa.

Ora, o de que a ninguem de bom senso é licito duvidar é da força e da materia.

Coexistem simultaneamente inseparaveis, e assim fôram sempre.

Nucleos primitivos, nebulosas e gazes, continuidades e soluções de continuidade, tudo contém particulas minimas, atomos, moleculas e tudo revela pelo menos momentaneos equilibrios, certificando a acção de forças.

Força e materia, ou, materia e força; eis as origens, porventura irradiação singular d'uma suprêma causa, d'uma eterna fonte, que Moysés symbolisava na sarça a arder sem se consumir e na extranha voz que lhe respondia: — Eu sou quem sou!

Empreguei a locução porventura e todavia, sinto me irresistivelmente inclinado a perfilhar este raciocinio do abbade Poulin, analysando o Cósmos:

«Il existe un géomètre, puisqu'il y a du calcul; un statisticien, puisqu'il y a de la statistique; puisqu'il y a de l'art, il existe un artiste: puisqu'il y a de la construtction et de l'agencement, il est un architecte; quisqu'il y a de l'ordre, il est un Ordonnateur!»

Este ordenador, o integral dominante que se impõe á razão e fala no tribunal da consciencia, suprêma causa, eterna fonte não transcendeu, não pode transcender na sua natureza a essencia da força e alhear-se de todo á peripheria das leis immanentes que regem a materia.

As coisas e os factos são o que são, e, conforme se exprimia Quatrefages, «ne rêvons pas *ce qui peut être;* acceptons et cherchons *ce qui est*».

Acceitando a força, acceitando a materia, investigando, examinando, experimentando, seguimos por caminho não incerto e movediço, mas pelo que lustraram com rasto esplendido e inextinguivel os cerebros geniaes de Archimedes, Newton e Galiléo, de Galvani, Volta e Ampére, de Pasteur, Berthelot e Curie, de tantos nomes de obreiros sublimes que arcando com difficuldades inauditas e expondo a vida na ara do progresso, contribuiram e contribuem directa e poderosamente para o avanço da sciencia, mediante a nitidez assombrosa dos principios formulados e para os incontestados primores da civilisação crescente.

Força e materia, materia e força; eis as origens, repito, — «a natureza, confesso com Luiz Büchner na ultima pagina d'um volume celebre, não existe nem para a religião, nem para a moral, nem para os homens, existe por si propria».

Ella é um gigantesco laboratorio de actividade continua, o mar sem fundo e sem praias onde mergulha o pensamento cioso de inquirir do phenomeno e de apresentar-se com armadura triumphante, mas «tudo o que nós podemos lograr consiste, respeitando a phrase do notavel inglez John Stuart Mill, em tirar proveito para os nossos fins das propriedades que descobrimos».

Isto, em virtude da implacavel verdade contida no asserto fundamental do grande Lavousier: «nada se perde, coisa alguma se cria na natureza».

Não queiramos embriagar-nos com phantasias de poeta e com prismas e utopias de sonhador, embarguemos o passo o impossivel e o absurdo e não nos obstinemos em negar á força e á materia, sem as quaes seria inconcebivel o existente, o valor de precedencia como origens evidenciadas nos aspectos da natureza e nos planos do universo.

Haveria illogica manifesta em não o reconhecer; traduzindo assim e assim interpretando, averigua-se em Cantu sobrada razão, quando proclamou que a philosophia positiva é o estado definitivo do homem e só deve cessar com a actividade da nossa intelligencia.

Força, materia, movimento, vida, origens e effeitos, provas e argumentos, não ha remedio senão abraçar intrinsecamente o que a vista exterior alcança e conformar a intelligencia com a pureza da verdade palpavel.

Este é o preceito educativo da coherencia e ao mesmo tempo a lição altiloqua da Historia.

D. Francisco de Noronha.

Ultima corrida de touros em Salvaterra

O Senhor D. José, primeiro do nome, era em Salvaterra um rei em férias. A verdade é que os maldizentes notavam, em segredo, que Sua Magestade em Lisboa estava sempre ao torno e o Marquez de Pombal no throno. O proloquio fundava se na habilidade mechanica do monarcha como torneiro, e no caracter dominador do marquez como ministro.

Vicejavam os campos em plena primavera. A amendoeira cobria-se de flôres, os bosques enfolhavam se, as veigas vestiam-se e matizavam-se, e a brisa doudejava indiscreta arregaçando o lenço á donzella que passava, ou roubando um beijo á rosa perfumada. Tudo eram alegrias e canticos... os rouxinoes nas moutas, o coração nos amores, e a natureza nos sorrisos ao sol esplendido que a dourava.

Uma tourada real chamára a côrte a Salvaterra. Os fidalgos respiravam n'estas occasiões menos opprimidos. Não os assombrava tão de perto a privança do ministro. Os touros eram bravos, os cavalleiros destros, o amphitheatro pomposo, e o cortejo das damas adoravel. O prazer ria na bocca de todos. Por cumulo de venturas o marquez de Pombal ficára em Lisboa, retido pelo conflicto com o embaixador de Hespanha.

Contava-se em segredo nos recantos do palacio o dialogo travado entre o enviado castelhano e o secretario de estado portuguez, louvando-o uns em alta voz, para os ecos d'aquellas paredes repetirem o elogio, crucificando-o outros sem piedade, para saciarem os odios. As devotas e os fidalgos puritanos eram pelo hespanhol, e pediam a Deus que os rebates da guerra proxima despenhassem o plebeu nobilitado. Os magistrados e os homens de capa e volta defendiam o marquez e respondiam com meios sorrisos ás fogosas jaculatorias dos zelosos do throno e do altar. O marquez de Pombal tinha-se negado com firmeza ás concessões exigidas imperiosamente pelo governo castelhano.

— Muito bem, atalhou o embaixador, um exercito de sessenta mil homens entrará em Portugal e fará...

— O quê? perguntára o marquez sorrindo se, com a tremenda luneta assestada e no tom mais indifferente.

— Fará entender a rasão e a justiça de el-rei, meu amo, a Sua Magestade e a vossa excellencia! redarguiu meia oitava acima o hespanhol, suppondo o ministro fulminado.

Sebastião José de Carvalho franziu as sobrancelhas, carregou a viseira, e cravando a vista e a luneta no diplomata, retorquiu lhe friamente:

— Sessenta mil homens muita gente é para casa tão pequena; mas, querendo Deus, el-rei, meu amo e senhor, sempre hade achar onde possa hospedal-a. Mais pequena era Aljubarrota e lá couberam os que D. João de Castella trouxe. Vossa excellencia póde responder isto ao seu governo.

E, levantando se para despedir o embaixador, accrescentou:

— Bem sabe vossa excellencia que póde tanto cada um em sua casa, que mesmo depois de morto são precisos quatro homens para o tirarem!

O embaixador saíu jurando por *Dios y la Virgen Santisima* e o marquez preparou-se para a guerra. O caso é, como dizia o nosso Zeferino na *Sobrinha do Marquez*, que Sebastião José de Carvalho foi um grande ministro e que fez muito pela nação. Hoje ha menos quem responda assim á lettra ás ameaças dos estrangeiros. Berra-se muito, dorme-se a somno solto ao som dos hymnos patrioticos, e depois salva o castello de madrugada e está salva a patria.

O marquez de Pombal presava as artes e protegia e animava as classes medias. Esse pouco que o reino progrediu deveu-se a elle. Se a industria nunca acabou de sair da infancia, a culpa quasi toda foi dos maus governos que succederam ao seu, e tambem do povo que não quiz trabalhar deveras... Mas vamos aos touros reaes. D'esses é que o ministro não gostava nada. Queria-os ao arado e não á farpa, e parecia-lhe melhor, que os toureadores, sendo fidalgos, servissem o Estado com a penna ou com a espada, e, sendo mechanicos, que lavrassem, tecessem e ganhassem honradamente a vida, enriquecendo-se a si e á nação.

Mas el-rei D. José, cedendo em tudo ao marquez, quanto aos touros não admittia reflexões. N'isto era rei a valer e Bragança legitimo. Os fidalgos sabiam-n'o e por isso disfructavam dôces prazeres — a satisfação do gosto nacional, e a contradicção da vontade do ministro. Desattendel-a sem perigo e pela mão do soberano era para elles um deleite e um triumpho.

N'estas funcções não vigorava a severidade das ultimas pragmaticas. Outro motivo de jubilo. Quem queria podia arruinar-se em luxuosos vestidos, enfeites e toucados. As bordaduras e os recamos de ouro, os velludos e sedas de fóra, talhados á franceza, resplandeciam constellados de perolas e diamantes. Por cima dos mais ricos trajos e das mais vistosas côres desenrolavam-se os anneis ondeados das empoadas cabelleiras. As damas ostentavam as graças de seus donaires e tufados, e emmoldurando o bello oval dos rostos nos penteados caprichosos, sorriam-se para os gentis campeadores, e seus olhos cheios de luz e de promessas estimulavam até os timidos.

Correram-se as cortinas da tribuna real. Rompem as musicas. Chegou el-rei, e logo depois entra pelos camarotes o vistoso cortejo, e vê-se ondear um oceano de cabeças e de plumas. Na praça resoam brava alegria as trombetas, as charamellas e os timbales. Apparecem os cavalleiros, fidalgos distinctos todos, com o couto das lanças nos estribos e os brazões bordados no velludo das gualdrapas dos cavallos. As plumas dos chapeus debruçam-se em matizados cocares, e as espadas em bainhas lavradas pendem de soberbos talins. Os capinhas e forcados vestem com garbo á castelhana antiga. No semblante de todos brilha o ardor e o enthusiasmo.

O conde dos Arcos, entre os cavalleiros, era quem dava mais na vista. O seu trajo, cortado á moda da côrte de Luiz XV, de velludo preto, fazia realçar a elegancia do corpo. Na golla da capa e no corpete sobresahiam as finas rendas da gravata e dos punhos. Nos joelhos as ligas bordadas deixavam escapar com artificio os tufos de cambraieta alvissima. O conde não excedia a estatura ordinaria; mas, esbelto e proporcionado, todos os seus movimentos eram graciosos. As faces eram talvez pallidas de mais, porém animadas de grande expressão, e o fulgor das pupillas negras fuzilava tão vivo e por vezes tão recobrado, que se tornava irresistivel. Filho do marquez de Marialva, e discipulo querido de seu pae, do melhor cavalleiro de Portugal, e talvez da Europa, a cavallo, a nobreza e a naturalidade do seu porte enlevavam os olhos. Elle e o corsel, como que ajustados em uma só peça, realizavam a imagem do centauro antigo.

A bizarria com que percorreu a praça, domando sem esforço o fogoso corcel, arrancou prolongados e repetidos applausos. Na terceira volta, obrigando o cavallo quasi a ajoelhar-se deante de um camarote, fez que uma dama escondesse turvada no lenço as rosas vivissimas do rosto, que de certo descobririam o melindroso segredo da sua alma, se em momentos rapidos como o faiscar do relampago pudesse alguem adivinhar o que só dois sabiam.

El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela ultima vez, sorriu-se, e disse voltando se:

— Por que virá o conde quasi de lucto á festa?

Principiou o combate.

Não é proposito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos teem assistido a ellas e sabem de memoria o que o espectaculo offerece de notavel. Diremos só que a raça dos bois era apurada, e que os touros se corriam desembolados, á hespanhola. Nada diminuia, portanto, as probabilidades do perigo e a poesia da lucta.

Tinham-se picado alguns bois. Abriu-se de novo a porta do curro, e um touro preto investiu com a praça. Era um verdadeiro boi de circo. Armas compridas e reviradas nas pontas, pernas delgadas e nervosas, indicio de grande ligeireza, e movimentos rapidos e bruscos, signal de força prodigiosa. Apenas tocára o centro da praça, estacou como deslumbrado, saccudiu a fronte e, escarvando a terra impaciente, soltou um mugido feroz no meio do silencio, que succedêra ás palmas e gritos dos espectadores. Dentro em pouco os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, fugiam á velocidade espantosa do animal, e dois, ou tres, cavallos expirantes, denunciavam a sua furia.

Nenhum dos cavalleiros se atreveu a sahir contra elle. Fez se uma pausa. O touro pisava a arena ameaçador e parecia desafiar em vão um contendor. De repente viu-se o conde dos Arcos firme na sella provocar o impeto da féra e a hastea flexivel do rojão ranger e estalar, embebendo o ferro no pescoço musculoso do boi. Um rugido tremendo, uma acclamação immensa do amphitheatro inteiro, e as vozes triumphaes das trombetas e charamellas encerraram esta sorte brilhante. Quando o nobre mancebo passou a galope por baixo do camarote, deante do qual pouco antes fizera ajoelhar o cavallo, a mão alva e breve de uma dama deixou cahir uma rosa, e o conde curvando-se com donaire sobre os arções, apa-

nhou a flôr do chão sem afrouxar a carreira, levou-a aos labios, e metteu-a no peito. Investindo depois com o touro, tornado immovel com a raiva concentrada, rodeou-o estreitando em volta d'elle os circulos até chegar quasi a pôr-lhe a mão na anca.

O mancebo desprezava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo a arripiar a testa do touro com a ponta da lança. Precipitou-se então o animal com furia cega e irresistivel. O cavallo baqueou traspassado, e o cavalleiro, ferido na perna, não pôde levantar-se. Voltando sobre elle o boi enraivecido arremessou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas armas, e não se arredou senão quando, assentando-lhe as patas sobre o peito, conheceu que o seu inimigo era um cadaver.

Este doloroso lance occorreu com a velocidade do raio. Estava já consummada a tragedia e não havia expirado ainda o echo dos ultimos applausos.

De repente um silencio, em que se conglobavam milhares de agonias, emmudeceu o circo. Rei, vassallos e damas, meio corpo fóra dos camarotes, fitavam a praça sem respirar e erguiam logo depois a vista ao ceu como para seguir a alma, que para lá voava envolta em sangue.

Quando o mancebo, dobrado no ar, exhalava a vida antes de tocar o chão, um gemido agudo, composto de soluços e choro, cahiu sobre o cadaver como uma lagrima de fogo. Uma dama desmaiada nos braços de outras senhoras soltára aquelle grito estridente, derradeiro ai do coração ao rebentar no peito.

El-rei D. José, com as mãos no rosto, parecia petrificado.

A côrte d'esta vez acompanhava o sinceramente na sua dôr.

Mas o drama ainda não tinha concluido. Quem sabe?! O terror e a piedade iam cortar de novas maguas o peito a todos.

O marquez de Marialva assistira a tudo do seu logar. Revendo se na gentileza do filho, seus olhos seguiam-lhe os movimentos brilhando radiosos a cada sorte feliz. Logo que entrou o touro preto, carregou-se de uma nuvem o semblante do ancião. Quando o conde dos Arcos sahiu a farpeal o, as feições do pae contrahiram-se e a sua vista não se despregou mais da arriscada lucta.

De repente o velho soltou um grito suffocado e cobriu os olhos, apertando depois as mãos na cabeça. Os seus receios haviam se realizado. Cavallo e cavalleiro rolavam na arena, e a esperança pendia de um fio tenue! Cortou lh'o rapidamente a morte, e o marquez, perdido o filho, luz da sua alma e ufania de suas cãs, não proferiu uma palavra, não derramou uma lagrima; mas os joelhos fugiam lhe tremulos, e a elevada estatura inclinou se vergando ao peso da magua excruciante.

Volveu, porém, em si, decorridos momentos. A livida pallidez do rosto tingiu-se de vermelhidão febril subitamente. Os cabellos desgrenhados e hirtos revolveram-se-lhe na fronte inundada de suor frio como as sedas da juba de um leão irritado. Nos olhos amortecidos faiscou instantaneo, mas terrivel, o sombrio clarão de uma colera, em que todas as ancias insoffridas da vingança se accumulavam.

Em um impeto a presença reassumiu as proporções magestosas e erectas como se lhe corresse nas veias o sangue do mancebo que perdêra. Levando por acto instinctivo a mão ao lado, para arrancar da espada, meneou tristemente a cabeça.

A sua boa espada, cingira-a elle proprio ao filho n'este dia que se convertêra para sua casa em dia de eterno lucto!

Sem querer ouvir nada, desceu os degraus do amphitheatro, seguro e resoluto como se as neves de setenta annos lhe não branqueassem a cabeça.

— Sua magestade ordena ao marquez de Marialva, que aguarde as suas ordens! disse um camarista detendo o pelo braço.

O velho fidalgo estremeceu como se accordasse sobresaltado, e cravou no interlocutor os olhos desvairados, em que reluzia o fulgor concentrado d'um pensamento immutavel. Desviando depois a mão, que o suspendia, baixou mais dois degraus.

— Sua magestade entende que este dia foi já bastante desgraçado e não quer perder n'elle dois vassallos... O marquez desobedece ás ordens de el-rei?!...

— El rei manda nos vivos e eu vou morrer! atalhou o ancião em voz aspera, mas sumida. Aquelle é o corpo de meu filho, e apontava para o cadaver. Está alli! Sua magestade póde tudo menos desarmar o braço do pae, menos deshonrar os cabellos brancos do creado que o serve ha tantos annos. Deixe me passar, e diga isto.

D. José vira o marquez levantar-se e percebêra a sua resolução. Amava no estribeiro-mór as virtudes e a lealdade nunca desmentidas. Sabia que da sua bocca não ouvira senão a verdade, e a ideia de o perder assim era lhe insupportavel. Apenas lhe constou que elle não accedia á sua vontade, fez-se branco, cerrou os dentes convulso, e, debruçado para fóra da tribuna, aguardou em ancioso silencio o desfecho da catastrophe.

A esse tempo já o marquez pisava a praça, firme e intrepido como os antigos romanos deante da morte.

Dentro do peito o seu coração chorava, mas os olhos aridos queimavam as lagrimas quando subiam a rebentar por elles. Primeiro do que tudo queria a vingança.

Por impulso instantaneo, todo o ajuntamento se poz de pé. Os semblantes consternados e os olhos arrazados de agua, exprimiam aquella dolorosa contensão de espirito, em que um sentido parece concentrar todos.

Deixae-o ir ao velho fidalgo! A magoa que o traspassa, não tem egual. O fogo, que lhe presta vida e forças, é a desesperação. Deixae-o ir, e de joelhos! Saudae a magestade do infortunio!

O pae angustiado ajoelhou junto do corpo do filho e pousou-lhe depois um osculo na fronte. Desabrochou-lhe depois o talim e cingiu-o, levantou-lhe do chão a espada e correu-lhe a vista pelo fio e pela ponta de dois gumes Passou depois a capa no braço e cobriu se. Decorridos instantes estava no meio da praça e devorava o touro com a vista chammejante, provocando-o para o combate.

Cortado de commoções tão crueis, não lhe tremia o braço e os pés arraigavam-se na arena como se um poder occulto e superior lh'os tivesse ligado repentinamente á terra.

Fez se no circo um silencio gelido, tremendo e tão profundo, que poderiam ouvir-se até as pulsações do coração do marquez, se n'aquella alma de bronze o coração valesse mais do que a vontade.

O touro arremette contra elle... Uma e muitas vezes o investe cego e irado, mas a destreza do marquez esquiva sempre a pancada.

Os ilhaes da féra arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a bocca, as pernas vergam e resvalam, e os olhos amortecem de cansaço. O ancião zomba da sua furia. Calculando as distancias, frustra lhe todos os golpes sem recuar um passo.

O combate demora se.

A vida dos espectadores resume-se nos olhos.

Nenhum ousa desviar a vista de cima da praça.

A immensidade da catastrophe immobiliza todos.

De subito solta el-rei um grito e recolhe-se para dentro da tribuna. O velho aparava a peito descoberto a marrada do touro, e quasi to'os ajoelharam para resarem por alma do ultimo marquez de Marialva.

A afflictiva pausa apenas durou momentos. Por entre as nevoas, de que a pupilla tremula se embaciava, viu se o homem crescer para a féra, a espada fuzilar nos ares e logo após sumir-se até aos copos entre a nuca do animal.

Um bramido, que atroou o circo, e o baque do corpo agigantado na arena, encerraram o extremo acto do funesto drama.

Clamores unisonos saudaram a victoria. O marquez, que tinha dobrado o joelho com a força do golpe, levantava se mais branco do que um cadaver. Sem fazer caso dos que o rodeavam, tornou a abraçar-se com o corpo do filho, banhando-o de lagrimas e cobrindo o de beijos.

O touro ergueu se, e, cambaleando com a sezão da morte, veiu apalpar o sitio onde queria expirar. Ajuntou alli os membros e deixou-se cahir sem vida ao lado do cavallo do conde dos Arcos.

N'esse momento os espectadores olhando para a tribuna real estremeceram. El rei, de pé e muito pallido, tinha junto de si o marquez de Pombal, coberto de pó e com signaes de ter viajado depressa.

Sebastião José de Carvalho voltava de proposito as costas á praça falando com o monarcha. Punia assim a barbaridade do circo.

— Temos guerra com a Hespanha, senhor. E' inevitavel. Vossa magestade não póde consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassallos. Se continuassemos n'este caminho... cedo iria Portugal á vela.

— Foi a ultima corrida, marquez. A morte do conde dos Arcos acabou os touros reaes emquanto eu reinar.

— Assim o espero da sabedoria de vossa magestade. Não ha tanta gente nos seus reinos, que possa dar se um homem por um touro. El-rei consente que vá em seu nome consolar o marquez de Marialva?

— Vá! E' pae. Sabe o que hade dizer-lhe...

— O mesmo que elle me diria a mim, se Henrique estivesse como está o conde.

El-rei sahiu da tribuna, e o marquez de Pombal, entrando na praça em toda a magestade da sua elevada estatura, levantou nos braços o velho fidalgo, dizendo-lhe com voz meiga e triste:

— Senhor marquez! Os portuguezes como vossa excellencia, são para darem exemplos de grandeza d'alma e não para os receberem. Tinha um filho e Deus levou-lh'o. Altos juizos seus! A Hespanha declara nos a guerra e el-rei, meu amo e meu senhor, precisa do conselho e da espada de vossa excellencia.

E travando lhe da mão, levou-o quasi nos braços até o metterem na carruagem.

D. José I cumpriu a palavra dada ao seu ministro. No seu reinado nunca mais se picaram touros reaes em Salvaterra.

REBELLO DA SILVA.

Os miseraveis

Não tenho nenhuma pena dos que morrem.

Porque os que morrem, acabam de soffrer os embates de uma vida de necessidades, uma vida de amarguras, uma vida de tormentos, uma vida só formada de tempestades.

Os que morrem, teem, pelo menos, a paz do corpo, se é que não teem tambem a paz do espi-

PAÇOS DO CONCELHO DE BENAVENTE QUE O TERRAMOTO DESTRUIU

rito; teem a paz do cerebro, se é que não teem a paz da alma; teem a paz do coração, se é que não teem a paz da vida.

A morte, deve parecer-se muito com um somno sem sonhos, com um dormir sereno de creança; assim como a vida se parece com um sonho agitado, um sonho tormentoso, um sonho cheio de nervosismos.

Os Terramotos do Ribatejo

Uma vista de Benavente antes do terramoto de 23 de abril.

E' por isso que não tenho nenhuma pena dos que morrem.

Mas tenho muita pena dos que ficam desamparados, tenho muita pena das mulheres, tenho muita pena das creanças.

Porque as mulheres, são tambem como as creanças; precisam de quem as guie, precisam de quem as ampare, precisam de quem as defendam, senão... despenham-se n'um abysmo de que não é facil sahir!

E as creanças?

As creanças, além de precisarem de tudo quanto as mulheres precisam, precisam igualmente de carinhos que só as mães sabem ter; precisam de afagos, que só as mães sabem fazer; precisam de guardas que só as mães sabem ser.

Que pena eu tenho das creanças!...

E quantas ficaram por Messina e por Benavente, sem esses carinhos, sem esses afagos, sem essas guardas vigilantes, para as poderem guiar na estrada enorme e tortuosa da vida?

Tantas... tantas...

Eu bem sei que ha a caridade, ha a philantropia...

Mas a caridade e a philantropia, são apenas duas palavras muito bonitas, muito pomposas, mas a maior parte das vezes, são fogos fatuos que duram só... emquanto se pronunciam.

Ou então...

Eu antes lhe chamaria *vaidade*, porque a caridade que se pratica como *sport*, a caridade mercenária, a caridade que se annuncia em grandes letras, é uma caridade de *cartaz*, que só serve para pôr em evidencia uma individualidade que passaria despercebida, se não fosse bem réclamada.

Antes quero a caridade dos pobres dando a pobres, sem ostentações, sem espalhafatos, sem réclamos.

E' uma caridade mais santificada, uma caridade sem egoismos, uma caridade sem rumenerações.

E' a caridade dos párias, a caridade da canalha, a caridade dos miseraveis.

Conheci em tempos idos, uma familia de trapeiros, só composta de marido e mulher, que tomaram conta d'uma pequenita de dois annos (filha tambem de trapeiros), já orphã de pai e cuja mãe havia morrido no hospital.

Mas o que aquelles desgraçados fizeram pela pobre creança, foi deveras épico!

Não viam outra coisa, não viviam para outra coisa, não trabalhavam para outra coisa.

Quantas privações mais, passaram aquelles miseraveis, quantos dias deixaram de comer a codea de pão, só para que não faltasse á pequenita, quando ella a pedisse?

E quando ella sentia uma pequenina dôr de cabeça, de quantas attenções a não rodeavam, quantos cuidados não tinham, não fosse ella peorar?

Não sei dizer.

Mas o que sei, é que conseguiram os seus fins, e da filha d'uns trapeiros como elles, d'uns párias como elles, d'uns miseraveis como elles, souberam fazer uma mulher honesta e trabalhadora, souberam mandal-a á escola, souberam educal-a com tanto amor, com tanto carinho, com tanta dedicação, como se ella fosse sua propria filha!...

E' que elles, os miseraveis, tambem tinham tido uma filha, mas... morrêra...

Ricardo de Sousa.